

19º Congresso Brasileiro de Sociologia

9 a 12 de julho de 2019

UFSC - Florianópolis, SC

Grupo de Trabalho: GT16 - Inovação social e economias alternativas

“A incubadora resgatou a imagem da cooperativa na sociedade”: Estratégia como prática e memória social na Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade La Salle.

Robinson Henrique Scholz, Universidade La Salle

Caroline Raupp de Oliveira, Universidade La Salle

Fomento: Fapergs

RESUMO

O objetivo geral é analisar as práticas de incubação desenvolvidas pela Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade La Salle no período de 2009 a 2016, por meio da lente conceitual da memória social, economia solidária e estratégia como prática. A metodologia de incubação de empreendimentos econômicos solidários foi desenvolvida por uma equipe multidisciplinar e projeta a assessoria para cooperativas de resíduos sólidos nos municípios de Canoas, Nova Santa Rita e Esteio, RS, Brasil. Com financiamento da FAPERGS, este estudo em andamento apresenta alguns resultados sobre o pesquisa em tela. O método utilizado para esta pesquisa é qualitativo e explicativo, com viés etnográfico. Para a coleta de dados, foram utilizados os documentos da incubadora, observação participante e entrevistas semiestruturadas. A análise de conteúdo temática é empregada no estudo. Reflexões apontam que a atuação na área de incubação é fundamental no se fazer estratégia para o fortalecimento de cooperativas de resíduos sólidos urbanos de maneira mais solidária por meio de procedimentos técnicos de apoio para a gestão das cooperativas e sistematização das ações, tendo a memória como elemento de destaque.

1. INTRODUÇÃO

Os olhares interdisciplinares no desenvolvimento das ciências podem contribuir para o refinamento analítico e epistemológico sobre um determinado campo de conhecimento. Outrossim, é salutar para o debate científico as bases conceituais estruturantes e as chaves analíticas possíveis de compreensão, dada a necessidade de se aprofundar e expandir os conceitos por meio das dinâmicas da sociedade. E é nesse contexto que essa pesquisa se estrutura e se projeta como

um espaço profícuo de conhecimento e busca de novas vertentes de interpretação sobre a atuação de uma incubadora de empreendimentos econômicos solidários.

Para um melhor entendimento, o objetivo geral da pesquisa é analisar as práticas de incubação desenvolvidas pela Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade La Salle no período de 2009 a 2016, por meio da lente conceitual da memória social, economia solidária e estratégia como prática. A incubadora está localizada no município de Canoas, RS, tendo uma forte atuação com cooperativas de catadores de resíduos sólidos urbanos, as quais estão localizadas nos municípios de Canoas, Esteio e Nova Santa Rita, sendo esse o contexto de estudo da pesquisa.

O objetivo da Incubadora de Empreendimentos Solidários, da Universidade La Salle, é fortalecer a capacidade empreendedora e a dinâmica solidária de empreendimentos solidários, potencializando sua atuação sustentável e autogestionária nos territórios onde atuam. Inclui a criação e o desenvolvimento de empreendimentos populares solidários, e a sistematização da metodologia de incubação dos mesmos, associada a processos de pesquisa e extensão.

O método utilizado na pesquisa financiada pela FAPERGS é qualitativo e explicativo, tendo como procedimento técnico o viés etnográfico para o desenvolvimento do estudo (GEERTZ, 1973). As técnicas utilizadas nas coleta de dados são: entrevistas semiestruturadas com os sujeitos envolvidos nos processos de incubação, observação participante e documentos da incubadora. Para a organização e interpretação dos dados, é utilizada a análise de conteúdo temática (BAUER; GASKELL, 2002).

A seguir, são apresentados os referenciais teóricos que sustenta a pesquisa, tratando sobre as temáticas da memória, estratégia como prática e economia solidária.

2 ECONOMIA SOLIDÁRIA

Para o desenvolvimento de ações pautadas nos estudos e práticas da economia solidária e a incubação dessas iniciativas de populares de organização econômica e autogestionária, uma incubadora requer o desenvolvimento de

processos metodológicos que orientem as suas atribuições para com os coletivos de trabalho incubados. No sentido de situar que tipos de coletivos de trabalho autogestionários são válidos no contexto da economia solidária, se verifica que os empreendimentos podem ser grupos informais, associações e cooperativas, levando em consideração os processos democráticos e autogestionários na no seio do trabalho, com vistas à geração de trabalho e renda (VERONESE; GAIGER; FERRARINI, 2017).

Do contrário da economia capitalista que é movida pela acumulação de capital, a economia dos setores populares tem como característica formas mais gerais quando relacionadas aos assuntos, a priorização dela é atender as demandas do sociais e utiliza-se como meio os recursos financeiros (KRAICHETE, 2007). Por meio desta lente analítica, se pode entender que a economia solidária permite a ascensão de populações desempregadas a projetarem possibilidades de trabalho e que resultem em renda. Assim, além de atender as pessoas de classe mais baixas, fornecendo subsídios para geração de renda e realocação social, os empreendimentos da economia solidária tem um papel fundamental dentro da economia, servindo, muito além de motor de mercado, mas como exemplo da gestão solidária que move barreiras e agrega valor - econômico e social (PIRES, 2017).

As ações da incubadora estão previstas em plano estratégico de trabalho, quando da submissão e aprovação do projeto de fomento (pelas instituições que financiam as ações de incubação), contudo, as práticas cotidianas dos empreendimentos incubados inevitavelmente se apresentam distintas daqueles rumos inicialmente delineados (PITA; LIMA; LIMA, 2015). Mesmo que a incubação, a economia solidária, seja um processo diferente do regime de mercado liberal, e que o enfoque seja na solidariedade, o aspecto econômico, ainda assim, é essencial e prioritário para os indivíduos (MATARAZZO; BOEIRA, 2016). Assim, A incubadora incorpora o papel de elo entre os empreendimentos solidários e a universidade, fomentando ambos os setores (OLIVEIRA, ADDOR, MAIA, 2018).

Cabe salientar que a incubadora na pesquisa em tela atua com grupos autogestionários de catadores, organizados em associações e cooperativas. Os sujeitos que operam seus trabalho nesses contextos, muitas vezes não conseguem se inserir no mercado formal de trabalho. Assim, os indivíduos tidos como excluídos

do mercado de trabalho digno, por assim dizer, conseguem se inserir no meio do campo de trabalho, através das cooperativas de reciclagem de lixo (VERONESE, 2016).

Na verdade, trata-se do imprevisível mundo das práticas, ou visto de outro modo, o mundo onde os meios (que são concretizados durante as práticas em uma sequencialidade não linear e muitas vezes não racional) distanciam-se mais ou menos dos fins (resultantes das estratégias).

3 ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA

O entendimento sobre prática diz respeito à busca por entender “como” as pessoas gerenciam, tomam decisões, resolvem problemas, lideram, avaliam, entregam produtos, prestam serviços, enfim como elas realizam as diferentes atividades em que estão envolvidas (WHITTINGTON, 2007). A economia solidária pressupõe a vivência de processos autogestionários, portanto de maneira coerente cabe à incubadora buscar constituir um *habitus* de autogestão em seus processos (BOURDIEU, 2007). Tais práticas e suas relações com os resultados estratégicos acabam formando um espaço de compartilhamento de vínculos sociais e formulação de sociabilidades na qual a estratégia como prática tem significativa contribuição aos processos que envolvem a (auto)gestão da incubadora.

Através das práticas educativas em uma organização cooperativa, coloca-se o desafio de reconstruir a identidade das ações dos indivíduos com o sentido do coletivo no contexto de cultura que produz sempre mais indivíduos, articulados uns aos outros através de um sistema de valores, segundo a lógica capitalista (FRANTZ; SCHÖNARDIE; SCHNEIDER, 2017, p. 22).

A cooperação para o alcance dos resultados pode ser compreendida em práticas na produção e na gestão, no relacionamento intra e intergrupar, levando em consideração que a estratégia como prática se revela no pensar e no agir estrategicamente (WILSON; JARZABKOWSKI, 2004). Assim, aprofundar o estudo sobre as interações sociais em contextos organizacionais que atuam nestas dimensões acima são relevantes à estratégia como prática, e, para que elas

aconteçam, o estudo sobre a liderança e suas práticas sociais é fundamental. À luz dos estudos de Whittington (2003), no que se refere a gestão de uma organização, Borges, Scholz e Cargnin (2015, p. 114) apresentam que:

Outra perspectiva de interpretação da estratégia está correlacionada com as práticas gerenciais, ancoradas em uma compreensão sociológica, mesmo contextualizada nos conceitos de firma, no sentido de que a gestão necessita de recursos e mecanismos que possam ser aplicados e desenvolvidos por meio de atividades que visam os objetivos organizacionais.

Numa perspectiva de elucidação do campo convergente na busca de resultados (fins) e contraditórios nas lógicas de ação dos coletivos (práticas), se faz relevante a compreensão das práticas associativas que perpassam os empreendimentos autogestionários.

Cabe aqui destacar a importância da atuação de uma incubadora, em um diálogo estreito com os empreendimentos incubados, no que tange ao desenvolvimento da inovação social (HULGÅRD; FERRARINI, 2010) nesses espaços, os quais podem ser específicos ao contexto de um empreendimento econômico solidário, bem como a inovação social pode ser desenvolvida, testada, sistematizada e replicada em outros empreendimentos, gerando tecnologia social.

A tecnologia social, portanto, pode ser entendida como um conjunto de práticas de intervenção social que se destacam pelo êxito na melhoria das condições de vida da população, construindo soluções participativas, estreitamente ligadas às realidades locais onde são aplicadas, por serem concebidas com o intuito de promover transformação social (GAPINSKI, 2018, p. 90).

Contribuindo com esse entendimento, Borges, Scholz e Rosa (2014, p. 68) desenvolvem que “uma possível alternativa de geração de renda e integração econômica – aqui não caracterizando lógicas puras de inclusão social por meio de um contrato formal de trabalho, mas sim, no sentido de ativar economicamente os trabalhadores vulnerabilizados –, seria por meio da economia solidária”. E (re)inserção dos trabalhadores desempregados nos processos coletivos de trabalho e geração de renda pode ser uma forma de garantia de subsistência temporária, como também permanente, levando em consideração a autogestão, a estratégia

como prática e a liderança. Corroborando com a discussão sobre a dinâmica da estratégia como prática no contexto da economia solidária, Borges, Scholz e Cargnin (2015, p. 118) apontam que:

As práticas associativas de geração de trabalho e renda, aliadas a processos de autogestão nos empreendimentos compostos pela associação de pessoas, podem (re)afirmar o espaço social, alicerçando dinâmicas de subsistência para além das fronteiras econômicas, haja vista que suas contribuições atingem as esferas sociais, políticas e ambientais. Outrossim, podem romper elos complexos de reprodução das desigualdades.

Contudo, cabe ressaltar a estratégia como prática é um conceito que emerge dos estudos organizacionais, os quais são atravessados pelas relações de poder e vinculadas na lógica da hierarquização estrutural das organizações. Com isso, merece atenção analítica e conceitual para a sua aplicação nas ciências sociais, adequando-a.

4 MEMÓRIA SOCIAL

O ponto de vista da memória social tem muito a favorecer o entendimento de práticas que uma incubadora, uma vez que a memória não é uma reprodução do passado, mas antes uma elaboração do passado, colocada em marcha dentro de uma relação eu *versus* outro (ABREU, 2016). O eu e o outro, no contexto deste artigo, refere-se às cooperadas (mulheres são maioria nas cooperativas) e a equipe da incubadora que esteve com eles por oito anos. Nessa relação, um vai e vem de encontros e desencontros levou a inúmeras reflexões e crescimento conjuntos.

Para este estudo, interessa o entendimento de memória social entrelaçada com saberes e discursos, uma vez que a memória passa a ser ponto focal para análise das práticas sociais de uma incubadora de empreendimentos solidários. A memória social, pode ser descrita, a partir de um dado momento do tempo, onde é possível mensurar os movimentos e ações de tal grupo (CORREIA-LIMA; RIGO; SANTOS, 2016).

Considera-se que os documentos estudados não são inocentes, e diante do objetivo de estudar a atuação da incubadora, considera-se o desafio que está

diante dos pesquisadores. Assim, as práticas de incubação possuem uma relevância significativa, uma vez que a incubadora incorpora o papel de elo entre os empreendimentos solidários e a universidade, fomentando ambos os setores. Verifica-se que as práticas sociais desempenhadas nos processos de incubação vão ao encontro da inovação social, a qual tem como atribuição solucionar problemas das demandas de ordem social, seja dentro de uma organização ou mesmo externo a ela, como o caso das cooperativas incubadas e sua relação com o seu contexto de atuação na sociedade. Pode-se destacar uma pesquisa realizada sobre memória institucional em uma cooperativa de reciclagem, a qual apresenta que ela é:

[...] o desenvolvimento da autogestão no que tange à tomada de decisão em um empreendimento econômico solidário no campo da reciclagem refere-se ao hábito da prática social cotidiana replicada ao longo do tempo. A prática da memória-arquivo é identificada na fala dos participantes afirmando haver decisões autogestionárias na cooperativa (BROCHIER; SCHWENGBER; BORGES, 2016, p. 7) .

Contribuindo, a inovação social, pode ser considerada por duas ou mais óticas distintas, pois ela pode viabilizar a transformação social, bem como uma oportunidade de negócio, sendo que, ambas podem contribuir para o complexo comunitário, se praticado com ética e com objetivos fins de movimento social (OLIVEIRA, ADDOR, MAIA, 2018).

A seguir, o Quadro 1 apresenta uma interface de análise entre os elementos teóricos, as quais contribuem para o entendimento da construção do conhecimento no campo da incubação de empreendimentos solidários.

Quadro 1: Interface de análise entre os elementos teóricos

Estratégia como Prática	Economia Solidária	Memória Social
Análise	Autogestão	Lembrança
Resolução de Problemas	Desenvolvimento Humano	Saberes
Liderança	Cooperação	Elaboração
Entrega	Educação Popular	Documento
Realização	Democracia	Modelagem

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com base no referencial teórico exposto, a seguir apresentam-se as considerações finais.

5 RESULTADOS PARCIAIS

O campo de investigação desta pesquisa remete variadas interpretações analíticas e relacionadas com o objetivo proposto, que é o de analisar as práticas de incubação exercidas pela Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade La Salle no curso temporal de 2009 a 2016. Levando em consideração os aspectos dos registros já realizados pela incubadora, bem como as memórias do processo de incubação trazidas pelos entrevistados e os diários de campo até o final de mês de maio de 2019, se pode dizer que a emancipação dos sujeitos que atuam de forma cooperada nas cooperativas de catadores de resíduos sólidos urbanos é latente e aparecem em mais de uma cooperativa incubada:

Assim, eu posso dizer que consegui muitas coisas aqui na cooperativa, eu pude conhecer mais sobre a reciclagem, sobre como se relacionar com os governantes, saber que tem dinheiro público para os catadores. Isso tudo foi bem legal de saber, quando a Lurdes veio aqui, lá da incubadora, e nos mostrou os projetos, falou da lei da coleta seletiva e trouxe uma luz para nós, que é a questão do convênio. Junto com o Camp e a prefeitura e vocês, da incubadora, a gente conseguiu o nosso espaço (DIÁRIO DE CAMPO, 03 de maio de 2015).

Nota-se na descrição acima a importância da incubação realizada com a cooperativa, uma vez que a assessoria técnica implica em potencializar as ações do empreendimento, valorização da profissão do catador e geração de trabalho e renda por meio das práticas da economia solidária (VERONESE; GAIGER; FERRARINI, 2017).

No decorrer do percurso didático desenvolvido pela incubadora, os envolvidos no processo dialógico tiveram a oportunidade de se reconhecer como parte da sociedade, conforme relata o Entrevistado 1, “a gente foi aprendendo né, que nós tinha leis, que nós só tinha a ganhar, [...], a gente não sabia sobre voto, [...], a gente foi aprendendo devagarinho e começou a atrair os recursos.” Esse

contexto demonstra a importância dos trabalhos realizados por meio da incubadora, pois um indivíduo que não conhece seu papel na sociedade, não tem como exercê-lo, do contrário, existe a construção coletiva.

Contribuindo, em aspectos relacionados ao desenvolvimento do ser humano como indivíduo socioeconômico em seu território de moradia, é evidente as contribuições que a incubadora trouxe aos catadores nas cooperativas incubadas por meio da seguinte evidência:

Pra ti ver, a gente era como bicho do mato, não se sabia conversar, tudo era na base do grito. Lá em 2012, quando começou o trabalho da incubadora com a gente, nossa, tudo foi mudando, a forma da gente conversar, falar, trocar ideias, saber ouvir e falar na hora certa! Isso é uma maravilha! Até em casa eu to mais de boa, falo com o pessoal com mais calma e tudo melhorou! Sério mesmo, sou uma outra pessoa! (ENTREVISTADO 2).

Nota-se que a importância melhora das relações sociais e o convívio na cooperativa e fora dela, são destacados como resultados do trabalho da incubadora, fazendo processos de socialização e de dinâmicas de grupo que permitam a melhor compreensão do papel de cada um dentro da cooperativa e as formas de solidariedade que permeiam o trabalho coletivo e autogestionário (VERONESE, 2016). Complementando, o Entrevistado 4 apresenta na sua fala uma prática social que a incubadora desenvolveu nos processos formativos e de incubação e que remetem à interpretação da estratégia como prática: “No início, eu não gostava das formações, achava uma perda de tempo. Mas, no dia que a gente se enroscou em um nó, que as gurias do la Salle fizeram aqui, aí eu entendi que a gente estava também, como vou dizer, um nó! Isso, tudo enrolado”.

Cabe destacar que a dinâmica do nó é uma das atividades de grupo que a equipe da incubadora desenvolveu para aplicação em 2015 e foi muito bem recebida pelas cooperativas para se trabalhar as relações interpessoais, comportamentais e de conflitos (subjetivos ou de gestão). Assim, se percebe que essa atividade pode ser entendida como uma estratégia como prática, uma vez que implica em projetar uma solução por meio de uma experimentação, sem ela ser pensada e desenvolvida estrategicamente a priori, mas sim, pensada e aplicada, avaliada e mensurada posteriormente, no sentido de ressignificar sua aplicação em

um contexto futuro, entendendo como uma estratégia de solução de conflitos para um determinado grupo social. Nesse sentido, a equipe da incubadora, juntamente com os catadores, conseguem compreender como a cooperativa estava no momento (enrolada) e por meio de uma experimentação (a dinâmica do nó) se pode projetar soluções para as demandas que ela vivenciavam naquele período. E ainda hoje, essa lembrança é trazida:

A reunião do grupo estava tensa, pois havia muitos problemas a serem resolvidos na parte da coleta seletiva e na produção dos materiais. Assim, houve um tumulto inicial, pois foi informado pela coordenação que haveria um “cerão” a ser feito para aumentar o volume de material a ser vendido naquela semana para se pagar umas contas atrasadas. O conflito era muito grande e a técnica da incubadora não conseguia acalmar os ânimos e projetar soluções com o grupo. Uma cooperada se levanta e diz: “Tá na roda da gente desatar esse nó! Lembra da brincadeira? a gente está do mesmo jeito!” Assim, a técnica perguntou se eles queriam fazer a dinâmica e todos concordaram, mesmo em meio aos conflitos. A atividade foi realizada, houve um momento de descontração e relaxamento, muitas risadas e conversar. Após isso, se fez um café e o grupo conseguiu continuar os assuntos da reunião de forma um pouco mais calma e com consensos no coletivo (DIÁRIO DE CAMPO, 15 de março de 2016)

O dado de pesquisa reflete a estratégia como prática (WHITTINGTON, 2007) como uma prática social de solução de problemas e encaminhamentos no âmbito das cooperativas incubadas. Além disso, se pode entender que no momento em que é possível sentir-se parte do coletivo, como uma pessoa que beneficia o crescimento do grupo que está inserido, é possível compreender que os processos administrativos são de responsabilidades comuns. Assim a memória organizacional é a formação da cultura da instituição, é como ela se comporta perante os processos e como eles são regidos (BROCHIER; SCHWENGBER; BORGES, 2016).

Neste aspecto, o papel da incubadora também aparece no dia a dia das cooperativas, quando se observa a criação de um acompanhamento dos resíduos que entram e saem. O acompanhamento é realizado de forma descritiva em quadros ou folhas de ofício, que ficam expostos para visualização de todos, que de acordo com os cooperados, “foi identificada a possibilidade de aumentar a produção diária, pois conseguiram verificar que suas capacidades poderiam ir além do que os números mostravam, provendo um aumento na geração de renda” (DIÁRIO DE CAMPO, 16 de maio de 2016). Portanto, um processo que pode ser considerado

uma inovação social devido a atribuição de solucionar problemas das demandas do social, seja dentro da organização ou mesmo fora (OLIVEIRA; ADDOR; MAIA, 2018). As inovações voltadas para o processo, propiciam um avanço autogestionário, ou seja, é possível aperfeiçoar o nível de participação, gerando mais retorno e controle das partes envolvidas para o alcance dos resultados socioeconômicos de cada empreendimento incubado (OLIVEIRA; ADDOR; MAIA, 2018).

A incubadora incorpora o papel de elo entre os empreendimentos solidários e a universidade, fomentando ambos os setores, permitindo principalmente ao trabalhador, meios para que este assuma responsabilidades e se torne um indivíduo autocrítico e responsável pela sua condição de vida (NASCIMENTO; KREMER; BENINI, 2018). Na fala descrita do Entrevistado 7, é possível relacionar a teoria com a prática, onde ele diz:

Nós éramos bem ignorantes, tanto na gestão financeira, quanto na gestão em grupo, então a incubadora foi bem bom [...] as aulas que vinham e davam de capacitação, ótimos! Adorava aquilo quando eles vinham ensinar a gente, dizendo que tínhamos que fazer direito, explicando direitinho o que nós podia e que nós não podia fazer.

Então, dentre o contexto de geração de renda e o desenvolvimento humano, a cooperação está atrelada ao crescimento conjunto dos entes participantes, e a incubadora faz parte desse processo de aprendizagem e crescimento.

A solidificação dos processos “tende a ser enfraquecido, à medida em que a rotatividade de pessoal é elevada dentro das cooperativas de reciclagem de lixo”, diz a Entrevistada 9, que atuou junto da organização da Incubadora. Dessa forma, o viés destes empreendimentos, está justamente na fragilidade de manter a mesma equipe a fim de promover um crescimento sustentável para a entidade. Portanto, as inovações voltadas aos processos, têm maior capacidade de aperfeiçoar o nível de participação dentre os indivíduos, gerando mais retorno e controle das partes envolvidas, tornando o papel da Incubadora essencial na construção do modelo de autogestão (OLIVEIRA; ADDOR; MAIA, 2018).

6 CONCLUSÃO

A pesquisa traz apontamentos significativos acerca do estudo realizado no que tange à compreensão da importância de se relacionar os estudos de incubação de empreendimentos solidários com os estudos de memória e economia solidária. A revisão teórica e análise preliminar dos dados em tela possibilitou a o desencadeamento de chaves analíticas possíveis neste contexto, levando em consideração os processos metodológicos de assessoria técnica fundamentadas na perspectiva da educação popular. A pesquisa ainda se encontra em curso e este paper um exercício de reflexão para o aprofundamento da pesquisa, reflexões e resultados futuros.

A memória social contribui nesse entendimento, uma vez que nas relações sociais estabelecidas entre a incubadora e um coletivo incubado, emergem situações das mais variadas ordens, sejam no campo político, econômico, social e cultural. Assim, os estudos mostram o quanto a atuação de uma incubadora universitária de empreendimentos solidários pode ampliar as relações com os incubados, provendo melhores práticas de autogestão, solidariedade, valorização dos saberes populares e as trocas de experiência, tendo a estratégia como prática a possibilidade de fomento à pesquisa aplicada conjuntamente com a extensão universitária. Dessa forma, a sistematização das ações desenvolvidas contribuem para a memória social, disseminação do conhecimento e a possibilidade da geração de tecnologias sociais no contexto da inovação social.

Com base nisso, se percebe que a atuação no campo da economia solidária potencializa que as incubadoras promova o desenvolvimento de inovações de produtos e de processos, focalizando suas competências na construção de tecnologias sociais de gestão, como o caso de metodologias participativas, desenvolvimento da estratégia como prática por meio das ações democráticas de decisão e diagnósticos participativos, sendo uma motivação para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. Memória social: itinerários poéticos-conceituais. **Morpheus**: Revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 41-66,

2016. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_19.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2018.

BAUER, M; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BORGES, M. L.; SCHOLZ, R. H.; ROSA, G. Produção de sentido do trabalho para recicladores por meio da resignificação da identidade, aprendizagem e superação. In: SCHOLZ, R. H. **Economia Solidária e Incubação: uma construção coletiva de saberes**. São Leopoldo: Editora Oikos, 2014, p. 60- 82.

BORGES, M. L.; SCHOLZ, R. H.; CARGNIN, T. D. M. Estratégia-como-prática na economia solidária: resultados e ações de catadores de uma cooperativa. **Desenvolvimento em Questão**. v. 13, n. 31, p. 108-142, jul/set. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/2922>. Acesso em: 18 out. 2015.

BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento**. (Trad. Daniela Kern e Guilherme Teixeira). São Paulo/ Porto Alegre: EDUSP/Zouk, 2007.

CORREIA-LIMA, B. C.; RIGO, A. S; SANTOS, M. E. P. Memória organizacional e construção de identidade local: uma análise da mobilização e organização social no Conjunto Palmeira. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 8, n. 4, p. 235-246. 2016. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/43281/memoria-organizacional-e-construcao-de-identidade-local--uma-analise-da-mobilizacao-e-organizacao-social-no-conjunto-palmeira>. Acesso em: 10 set. 2018.

BROCHIER, R. C. R. S.; SCHWENGBER, D.; BORGES, M. L. Memória institucional, autogestão e tomada de decisão em um empreendimento econômico solidário no campo da reciclagem. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**. IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais - Porto Alegre, RS, Brasil, 19 a 21 de Outubro de 2016. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/226>. Acesso em: 03 set. 2018.

FRANTZ, W.; SCHÖNARDIE, P. A.; SCHNEIDER, J. O. As práticas do movimento cooperativo como lugares de educação. **Revista de Didáticas Específicas**, n.16, p. 14-26, 2017. Disponível em: <https://revistas.uam.es/didacticasespecificas/article/view/7496>. Acesso em: 14 abr. 2019.

GAPINSKI, E. F. P. et al. Prática tecnológica e tecnologia social: um estudo a partir dos pressupostos teóricos da construção social da tecnologia. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 14, n. 30, p. 83-103, 2018. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/5585>. Acesso em: 14 abr. 2019.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

HULGÅRD, L.; FERRARINI, A. V. Inovação Social: rumo a uma mudança experimental na política pública? **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 46, n. 3, p. 256-263, set/dez 2010. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/691. Acesso em: 12 abril 2016.

KRAICHETE, G.. Economia popular solidária: paisagens e miragens. Cadernos do CEAS, Salvador, n 228, p. 13-26, out/dez 2007. Disponível em: <https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/116/96>. Acesso em: 02 set. 2018.

MATARAZZO, G.; BOEIRA, S. L. Incubação de cooperativas populares: representações sociais e tensões entre racionalidades. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 14, n. 1, p. 207-227, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3232/323244399012.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2018.

OLIVEIRA, T. C. S.; ADDOR, F.; MAIA, L. As incubadoras tecnológicas de economia solidária como espaço de desenvolvimento de tecnologias e inovações sociais. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 14, n. 32, p. 38-59, Ed. Especial. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/7855/5074>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

PIRES, S. D. Empreendimento, comunidade e território: três objetos de incubação em economia solidária. **Realização**, v. 4, n. 8, p. 46-66, 2017. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/realizacao/article/view/6883> Acesso em: 10 ago. 2018.

PITA, F.; LIMA, J. R. O; LIMA, C. E. S. Normatizando solidariedade: experiência de construção coletiva de regras de uma cooperativa informal de Economia Solidária. **A Outra Economia**, São Leopoldo, v. 9, n. 16, p. 69-78, 2015. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/otraeconomia/article/view/otra.2015.916.05/4672>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

VERONESE, M. V.. Associativismo entre catadores de material reciclável urbano. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 6, n. 1, p. 213-236, jan.-jun. 2016. Disponível em: <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/2316-1329.002>. Acesso em: 05 ago. 2018.

VERONESE, M. V.; GAIGER, L. I. G.; FERRARINI, A. V. Sobre a diversidade de formatos e atores sociais no campo da economia solidária. **Cad. CRH**, Salvador, v. 30, n. 79, p. 89-104, abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792017000100089&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 nov. 2018.

WHITTINGTON, R. The work of strategizing and organizing: for a practice perspective. **Strategic Organization**, v. 1, n. 1, p. 119-127, 2003.

WHITTINGTON, R. Strategy Practice and Strategy Process: Family Differences and the Sociological Eye. **Organization Studies**, v. 28, n. 10, p. 1575-1586, 2007.

WILSON, E; JARZABKOWSKI, P. Pensando e agindo estrategicamente: novos desafios para análise estratégica. **Revista de Administração de Empresas**, v. 44, n. 4, p. 11-20, 2004. Disponível em:
<https://rae.fgv.br/rae/vol44-num4-2004/pensando-agindo-estrategicamente-novos-de-safios-para-analise-estrategica>. Acesso em: 20. dez 2015.